

TIROS, ETC.

19/2/57

OS concretistas procuram, com justa ambição, fazer sua guerrinha, mas o ambiente não está muito para isso. O ano começou sob o signo do tiro — e tiro para matar. Um poema realmente concretista teria de ser feito não através de truques gráficos, visuais, mas associando o som das palavras (de preferência palavrões) ao estampido dos tiros e aos gemidos e estertores da agonia. No fim daria algo meio expressionista — mas o concretismo não deixa de ser um expressionismo desidratado.

Esperemos que o sr. Muniz Falcão deixe o governo que ele é manifestamente incapaz de exercer; é a própria normalidade republicana que exige a retirada, por um meio ou outro, de um governador incapaz de garantir, contra seus próprios capangas, a vida de um deputado da oposição. Ou esse governador é clínico ou é totalmente incapaz; do ponto de vista do funcionamento do regime importa pouco saber se ele manda matar ou apenas deixa matar. Deve ser retirado do governo quanto antes porque não cumpriu as garantias solenemente dadas a um opositor ameaçado de morte.

Do ponto de vista moral a pior solução de tôdas me parece esta de, para se manter no governo, ele fingir que vai punir — ou, pior ainda, punir — os capangas que ele armou ou animou com sua displicência.

Quanto ao deputado Tenório, nada pode fazer o governo. Parece que não foi efetivamente ele, mas um de seus inumeráveis «correligionários» ou «primos» quem matou o guarda rodoviário. Catar esse responsável e puni-lo exemplarmente, a ele e aos que o ajudaram ou deram fuga, é um dever da polícia e da justiça.

Mas a oposição também tem deveres. Confesso que me deu engulhos ver dois homens de bem, que admiro e estimo — Afonso Arinos de Melo Franco e Milton Campos — la-deando, numa fotografia, o sinistro e ridículo deputado fluminense. Os deveres de solidariedade partidária têm um limite. E um partido tem, para começar, o dever de selecionar seus membros.

O sr. Tenório Cavalcanti deveria ser, a rigor, expulso não somente da UDN, mas da própria Câmara. E já não digo pelos seus crimes. Alguns desses crimes, pelo menos, teriam a explicá-los as situações passadas do Estado do Rio, dominado, nos tempos getulianos, por uma quadrilha de jogadores, ladrões e assassinos. Como reação a esse estado de coisas o fenômeno Tenório chegava a ser explicável. Mas é preciso, como naquela anedota, não avacalhar a guerra. Se os crimes do sr. Tenório me assustam, o que me horripila são as suas palhaçadas, as suas graças baratas, o seu cabotinismo sem espírito. Com aquelas barbas e aquela capa preta ele me parece bem mais nu e mais ofensivo ao decôro do Congresso que o sr. Barreto Pinto em cuecas. E essa visita de Milton Campos e Afonso Arinos à ridícula fortaleza do sr. Tenório me produziu, vou contar, um pesadelo horrível: sonhei que a UDN tinha subido ao poder e o sr. Tenório, em agradecimento aos serviços prestados, era nomeado embaixador em Londres...